

-Sim, isso mesmo, pobre garoto! Ele também deve estar angustiado por causa da irmã, e pense que você ainda tem sua mãezinha, teu querido pai e o Sentinela; mas ele não tem ninguém: está rodeado de pessoas desconhecidas com as quais ele ainda tem que se acostumar.

Meu coração parou quando o menino Sol disse isso para mim. Certamente eu não queria mais ser tão mal educada quanto fui hoje ao meio dia, e assim que voltasse para casa iria começar a bordar para o Karl. Quando saímos do trenzinho e estávamos ao lado da faixa vermelha, o Menino Sol me disse adeus. Eu o olhava com um olhar triste.

-Você não vai voltar nunca mais e brincar comigo?

-Talvez, disse ele, talvez; mas porque você tem lindos olhos castanhos e gosta tanto de brincar com seu irmão, coisa que poucas crianças fazem, vou te dar um presente.

Ele pegou um dos galhos do ramo e plantou na terra.

-Leve junto para onde fores, disse ele e me beijou.

Então ele se foi silenciosamente sobre o campo, no meio do sol poente que brilhava no céu como uma grande flor vermelha.

Quando tirei o ramo da terra, ele tinha raízes que plantei no nosso jardim e lá cresceu.

Então, crianças, foi assim que cheguei à minha árvore de histórias que me conta e canta todas essas lindas histórias. Quando estou triste, me sento debaixo dos seus galhos e as borboletas azuis e os passarinhos coloridos aparecem, tentando me distrair os pensamentos. Quando isso não funciona, fecho os olhos. Então eu vejo o Menino Sol e sua beleza diante de mim, escuto sua voz carinhosa e lembro-me de todas as brincadeiras maravilhosas que fazíamos. Assim toda a tristeza desaparece, fazendo o sol brilhar através das nuvens mais grossas.

Se me visitarem nesses dias, brinco tanto quanto vocês quiserem. Mas novas histórias?! De jeito nenhum, não posso contar sempre que quiserem!

Tradução de Cristiano Kunst

A flor de Cristo

Ela é muito solitária, esta flor que vai ser o assunto da história de hoje. Ela não conhece os dias felizes da primavera ou as noites perfumadas do verão. Não tem amigas que cresçam e conversem baixinho a seu lado e nenhum pássaro canta para ela em seus sonhos. A neve e o gelo são tudo o que seus olhos vêem; o vento frio do norte a acaricia e o canto monótono dos corvos é sua música.

No entanto, ela é branca e delicada como uma de suas irmãs. Cresce altiva em uma coroa de folhas verdes e seu cálice fundo guarda os segredos das flores. Ela nem sente as dores do inverno! É serena e orgulhosa de sua força. Sabe que é privilegiada: única flor que floresce no inverno, a única que pode celebrar o Natal com os moradores da terra. Diga-me, irmã do lírio, o que te chamou à vida no inverno? O que te deu forças para enfrentar o frio e a tempestade? Porque não dormes em paz na terra?

As folhas sussurram melodias e acordes, murmuram e sussurram, ouço sílabas, palavras- e agora vou contar a história para vocês.

É dia de Finados. No caminho para o cemitério vai um grupo silencioso de pessoas com roupas escuras. Carregam coroas para os mortos, feitas de galhos de pinheiros, flores secas, carvalhos sempre verdes e galhos com pequenas frutas vermelhas.

Andam em silêncio, como se pensassem nos tempos passados ou sonhassem esperando claridade para o futuro. O último deles é um menino pequeno que carrega uma cruz verde de madeira no ombro, carga pesada para o corpo jovem!

É uma cruz simples, rústica, sequer foi lixada. Mas o menino a olhava com carinho, provavelmente foram as mãos dele, inexperientes, que trabalharam a madeira.

O sino da capela mortuária toca e a triste procissão entra pelo portal. Um leve sopro de vento os acompanha, são os anjos dos mortos que seguem invisíveis o cortejo. No caminho principal, os visitantes dos mortos se dividem sem fazer

barulho algum. Também o menino pálido encontra logo o túmulo da mãe. É um túmulo novo, sem adorno ou cuidado destaca-se na neblina fresca de manhã. O pequeno menino se ajoelha, coloca a pequena cruz ao lado da cabeça da morta e reza em voz baixa. O anjo que o acompanha abaixa-se para ler o que estava escrito na cruz. “*Minha querida mãe*” está escrito com letras grandes e infantis em diagonal na madeira. Mais nada. O anjo beija o menino na cabeça.

Aos poucos, os outros túmulos vão sendo enfeitados com muitas e muitas flores e coroas dos tristes visitantes. Os olhos do menino olharam apreensivos para o túmulo vazio e um estremecer de dor atravessou o pequeno rosto do menino. “Querido Deus”, rezou baixinho, “por favor, deixe crescer uma flor bonita para minha mãe, eu tenho que ir embora para o orfanato e não poderei mais levar flores para ela. Mas Você é bom e poderoso e eu Lhe imploro!”

Neste momento o anjo beijou o menino uma segunda vez e um brilho de certeza veio nos olhos castanhos do menino. Ele arrumou a cruz mais uma vez, beijou o túmulo da mãe e seguiu os outros que foram para a casa.

Mas o anjo voou para a casa de Deus e contou o desejo do menino.

-É inverno, disse o Senhor, todas as plantas dormem; e agora eu devo mudar as leis só por causa deste menino?!

-Seu poder, Senhor, é maior que Sua lei, Sua bondade é superior a Sua vontade!

Neste momento, o Senhor sorriu, uma música tocou nas estrelas e as nuvens brilharam.

-Vem comigo!, disse para o anjo e eles foram para o jardim do paraíso.

Lá florescem as flores que foram destruídas na terra por mãos que as jogaram fora e pés que não tomaram cuidado. Elas ficam muito mais bonitas aqui, na luz do céu, do que sob o sol da terra. Quando o Criador se aproximou, as flores e as gramas se estenderam na direção dele e os cálices produziram perfume e brilho.

Deus se aproximou de um lírio branco, que tremia ao ser tocado e beijado por Ele, e entregou-o para o anjo.

- Para alegria do filho da terra e como lembrança do meu próprio Filho, ele vai florescer na neve e no gelo como mensageiro do céu. Os ventos têm de distribuir suas sementes nos países do norte e que calor de minha vontade percorra suas raízes e nelas permaneçam para sempre!

- Você, porém, deve afastar as marcas da morte e proteger o menino de bom coração. Estenda as asas sobre ele, de modo que a semente que brota em sua alma não morra no frio e na seca e assim a flor do amor ao próximo nele floresça. Ela é a mais bela de todas as flores do paraíso.

Agradecendo, o anjo se inclinou e beijou o manto de Deus e foi cumprir as suas ordens.

Foi assim que a flor de Cristo chegou à terra, e os homens de fé percebem sua origem divina.

Tradução de Annelie Scheider

A história de uma mosca de inverno

Há muito tempo, fui uma pequena mosca de inverno. Vocês não devem rir, queridas crianças, me lembro muito bem: arrastava-me para lá e para cá no alto da vidraça e via as árvores negras e a neve branca do lado de fora. De início, eu ainda tinha companhia, uma varejeira aleijada que nasceu na primavera e me contava sobre aquela estação. As árvores negras tinham uma imensidão de suas folhas verdes e, em frente à casa, onde agora estava a neve, tudo fora colorido e brilhante, repleto de flores e ervas e perfumes e mel. As pequenas libélulas azuis balançavam-se no ar como florzinhas vivas e o sol brilhava em seus corações. E eu ansiava pela primavera. A velha mosca tornou-se cada vez mais silenciosa, ela não queria mais viver e uma manhã caiu morta sobre o peitoril.

Agora fico sozinha pensando na primavera que a varejeira descrevia, será que ela vai voltar?

O quarto, no qual voava, era grande e quente. Tinha frisos de madeira brilhante com entalhes escuros, nos quais era possível passear; comida também não me faltava, mas não gostava de ficar voando por aí, sempre à espera.

A velha senhora na poltrona junto à janela também esperava, eu sentia isso. Ela sempre usava um vestido marrom; um de lã durante a semana e no domingo um de seda. Eu gostava de voar alto e pousar sobre os punhos brancos de renda. Ali podia ficar por bastante tempo e ver os velhos dedos magros, que zelosos tricotavam meias masculinas. Às vezes, ela também tinha um jornal nas mãos e à meia voz lia para si, em geral sobre navios que deviam chegar; às vezes também passava muito tempo olhando quieta pela janela. Muitas vezes eu pensava: ela também deve estar esperando a primavera.

Um dia chegou uma longa carta, que ela sempre relia. Naquele momento, eu estava pousada sobre a cabeça de leão entalhada em sua poltrona.

-Veja, pequena mosca do inverno, disse ela, veja, agora vem meu menino, meu Konrad, e estava bem corada e contente.